

DO ESTADO NOVO AO 25 DE ABRIL



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1995

A SEARA NOVA E A RESISTÊNCIA CULTURAL E IDEOLÓGICA À DITADURA E AO ESTADO NOVO (1926-1939)

A *Seara Nova* — pela importância cultural e cívica dos intelectuais a ela ligados e pelo papel que ela sempre representou, mesmo em termos simbólicos, para todos os que resistiram e se opuseram à ditadura, afirmando-se sempre como um espaço ideológico de combate e de contra-poder, quer durante a I República, quer depois na oposição ao Estado Novo — permanece, hoje ainda, sem dúvida, como um dos mais importantes lugares de memória e de encontro de todo um conjunto de práticas culturais, ideológicas e cívicas que uniram, durante o nosso século, uma importante fatia das nossas elites intelectuais. Memória esta que plasmou e deu forma na nossa cultura, sobretudo no imaginário de grande parte da oposição ao Estado Novo, a uma determinada forma de pensar e de sentir Portugal. Pensamento e modo de agir que, contudo, esteve longe de se confundir com qualquer programa de ideias feitas e/ou acabadas. Todavia, e apesar disso, o discurso seareiro nunca deixou de se balizar dentro de uma certa racionalidade discursiva que, mesmo em condições difíceis de falta de liberdade — como foi o caso depois de instituída a Ditadura Militar, em 28 de Maio de 1926 —, nunca abandonou o seu objectivo: congregar em torno do seu discurso as elites intelectuais de esquerda na oposição ao autoritarismo e nacionalismo corporativo que, pela mão de Oliveira Salazar, oficialmente se ia afirmando em Portugal. *

* Universidade Católica Portuguesa, Polo de Viseu..

Não teve a *Seara Nova*, desde o seu início, em 15 de Outubro de 1921, e durante o longo período do Estado Novo, apenas um único ideário, nem, muito menos, se mantiveram sempre as mesmas estratégias de actuação. Contudo, podemos dizê-lo —como defendemos em estudo recente^(*) —, enquanto a ela se encontrou ligado António Sérgio (1939)⁽²⁾, a *Seara Nova* manteve-se sempre fiel a princípios que acabaram por a identificar: o primado da cultura na acção política e a subordinação da política à moral ; a crença na auto-suficiência da razão e na eficácia exclusiva das ideias para a transformação do mundo; o assumido vanguardismo intelectual que via no aperfeiçoamento das elites a solução para todos os problemas que, então, se colocavam; a defesa de um profundo idealismo na acção de tomar real o ideal, o dever ser em ser, e, por via disso, a recusa das concepções jacobinas e materialistas de democracia e de socialismo.No fundo, a crença que bastava joeirar com a razão as atitudes, separar o inteligível do ininteligível, a sombra da luz, tomar claro em cada um a razão e as ideias claras, para que tudo se modificasse⁽³⁾. Razões, princípios e ideais que, de acordo com a sua leitura, os seareiros sempre encontraram no ideário da geração de 70, sobretudo em Antero.

Não obstante, a instauração da Ditadura Militar e, com ela, o início da censura prévia obrigaram a *Seara Nova* a rever muita da sua anterior estratégia de acção e de divulgação das suas ideias. Vocacionados os seareiros para serem na sociedade portuguesa, desde o primeiro momento, a consciência democrática da nação, uma espécie de templo, como tantas vezes disseram, do espírito democrático, a falta de liberdade imposta pelo novo regime obrigou-os, sem dúvida, a esforços suplementares. Aliás, a falta de liberdade, a censura prévia e a (*)

(*) Ver António Rafael Amaro, *A Seara Nova nos anos vinte e trinta (1921-1939) —Memória Cultura Poder*, Universidade de Coimbra - Faculdade de Letras, 1993 (Dissertação de Mestrado em História Contemporânea de Portugal).

(2) António Sérgio abandonou a direcção da *Seara Nova*, em 2 de Junho de 1939, depois de uma ligação de 16 anos. As razões da saída de Sérgio ainda hoje não se apresentam totalmente claras, sabendo-se, no entanto, que as mais evidentes se ficaram a dever ao agudizar das divergências com Câmara Reis. (sobre a interpretação destas divergências, ver o nosso trabalho anteriormente citado, pp. 7-16)

(3) Neste sentido, embora referindo-se a António Sérgio, cf. Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do Destino Português*, Lisboa, D. Quixote, 1976, pp. 188-189.

confusão política que se seguiram ao 28 de Maio, acabaram mesmo por interromper, em 12 de Agosto de 1926, a saída normal da revista. A sua suspensão temporária é justificada pela direcção com o argumento de que a obra de doutrina e crítica da *Seara Nova* "não se coaduna com o lápis censural de oficiais". Salientando-se, ainda na mesma nota, que na *Seara Nova* se estavam a "coleccionar os artigos cortados" pela censura — o primeiro exemplar da *Seara Nova* a conhecer o famigerado dístico "Visado pela Comissão de censura " foi o número 94 de 8 de Julho de 1926 — e que, em altura oportuna, caso os artigos cortados chegassem para dar um número, sairiam "com uma dedicatória solene aos censores"(4).

A revista só voltaria a sair, depois de oito meses de interregno, em 14 de Abril de 1927. Regressa, no entanto, com quase toda a sua anterior direcção no exílio — casos de António Sérgio, Raul Proença, Jaime Cortesão e Sarmento Pimentel —, situação que mereceu de Câmara Reys, um dos poucos directores que não foi obrigado a exilar-se, o seguinte comentário: "Não foi só pela ausência temporária [note-se o eufemismo] da maior parte dos seus redactores que a *Seara Nova* demorou muito tempo a sua publicação, agora de novo regularizada a actual situação, não é animadora para a realização da tarefa que iniciámos há cinco anos. Mas o nosso silêncio, também o reconhecemos, não podia prolongar-se por mais tempo"(5).

Nota-se nas palavras que acabámos de citar — para além, é claro, da necessidade de continuar a acção doutrinária que tinha caracterizado a revista durante a I República — que a urgência no regresso da revista se encontra ligada, pelo menos em termos mais imediatos, à necessidade que os seareiros entretanto começaram a sentir — sobretudo os que se encontravam no exílio — de se defender das inúmeras calúnias de que estavam a ser vítimas por parte de sectores e órgãos de informação afectos aos novos poderes. Agora, portanto, embora não fosse de total desfalecimento, era de defesa.

Implicados na tentativa revolucionária de 3 e 7 de Fevereiro de 1927 que pretendia pôr fim à Ditadura Militar — como foi o caso de Raul Proença, de Jaime Cortesão e de Sarmento Pimentel — e directamente envolvidos, especialmente António Sérgio, na campanha

(4) "A *Seara Nova* e a censura", *Seara Nova*, n.º 96, 12 Ago. 1926, p. 465.

(5) Número da *Seara Nova*, sem data expressa, inteiramente dedicado a Sarmento de Beires, p. 35.

contra o empréstimo que o novo governo, por esta altura, tentava obter em instituições financeiras europeias, os seareiros foram, nesta fase, acusados de anti-patriotas e de estar a soldo do comunismo internacional. António Sérgio, pelo empenho posto na luta contra o referido empréstimo — posição que lhe custou a perseguição e o exílio — é particularmente visado nesta campanha difamatória. Figura destacada, entre os seareiros e no meio cultural português, chega a ser acusado de receber dinheiro, no exílio, da Internacional Comunista para realizar em Portugal uma revolução de tipo bolchevista. Afastado de Portugal e com escassas hipóteses de defesa, António Sérgio tem na *Seara Nova*, desde que a censura o permita, o único órgão onde ainda se pode defender. Foi o que aconteceu numa das suas respostas a D. Basílio, personagem criada por Sérgio, supostamente fictícia, como era seu costume: "não ignora, devoto inimigo, que não sou partidário do comunismo nem de nenhuma espécie de ditadura — do proletariado ou de outra qualquer [...]. Ora, dissentindo eu do comunismo e da ditadura do operariado, muitíssimo idiota seria a Rússia se se desse ao trabalho de me enriquecer"⁽⁶⁾.

O ambiente que se seguiu à instauração da Ditadura Militar — e, sobretudo, depois da tentativa falhada para a derrubar, em Fevereiro de 1927 — era de tal forma hostil aos seareiros que Mário de Castro, jovem advogado e activo colaborador da *Seara*, descrevia assim, em carta para Raul Proença, o sentimento de opressão que então se vivia: "ser da *Seara* é ser apontado a dedo como perigoso e ver, por isso, extremamente dificultada, não já a vida do espírito, mas a própria actividade do ganha pão quotidiano"⁽⁷⁾.

Não nos admira esta pressão sobre os seareiros — sobretudo se tivermos em consideração que só a *Seara Nova* e o P.R.P., então no poder, para além de partidos de esquerda como o P.C.P. e o Partido Socialista e organizações sindicais como a Confederação Geral dos Trabalhadores (C.G.T.), é que não apoiaram nem participaram na denominada "Revolução Nacional" —, tal como não nos surpreende que os novos poderes tenham sentido a necessidade de difamar, socorrendo-se de uma prática comum, depois, durante o Estado Novo,

⁽⁶⁾ António Sérgio, "Carta de agradecimento a D. Basílio", *Seara Nova*, n.º 100, 9 Jun. 1927, p. 78.

⁽⁷⁾ Carta, com data de 1 de Abril de 1927, existente no Esp. de Raul Proença, Biblioteca Nacional.

as figuras mais proeminentes da oposição democrática, como foi o caso de António Sérgio, Jaime Cortesão e Raul Proença.

É neste quadro em que se pretende desacreditar a *Seara Nova*, lançando sobre os seus colaboradores a suspeita de estarem a soldo do movimento comunista, que devemos entender a preocupação da revista em clarificar, de uma forma mais directa e incisiva do que anteriormente, as suas posições ideológicas, sobretudo naquilo que a distanciava do socialismo bolchevista. E, assim, sucedem-se, nos anos que se seguiram à implantação da ditadura, os artigos que visavam separar as águas, tanto no que concerne ao comunismo, como à ditadura saída do 28 de Maio. Dando crédito, portanto, a uma terceira via democrática que, muitas vezes de um lado e de outro, pretendiam apresentar como inviável. Não deixaram, por isso, os seareiros de se demarcar do tipo de críticas que os sectores conservadores e reaccionários ligados à ditadura faziam ao bolchevismo. Atente-se, por exemplo e neste sentido, nas palavras de Raul Proença que, do exílio em Paris, clarifica assim a posição da *Seara Nova*: "Os motivos que me levam a insurgir-me contra o bolchevismo não são evidentemente os mesmos que os que inspiram o *Diário de Notícias* e a restante imprensa burguesa"; e, mais adiante, aproveita para destacar que os ataques aos soviéticos, por parte da *Seara Nova*, se ficavam a dever ao facto de não estarem a realizar o socialismo, o que não podia ser confundido com aqueles que só vêem monstruosidades na Rússia, ao mesmo tempo que "só têm palavras de exaltação e de louvor para as mesmíssimas monstruosidades quando praticadas pela Itália fascista"⁽⁸⁾.

Passado que foi este período, marcado por uma grande indefinição ideológica que, como é sabido, acabou por caracterizar a Ditadura Militar entre 1926-1930⁽⁹⁾, lançadas que foram as bases

⁽⁸⁾ Raul Proença, "A Rússia ao léu — algumas considerações para uso dos portugueses", *Seara Nova*, n.º 243, 19 Mar. 1931, p. 35.

⁽⁹⁾ O ano de 1930, como já vários autores salientaram, é marcado pelo fim das hesitações no interior da ditadura, acabando por triunfar a linha que pretendia instaurar uma nova ordem política, autoritária, sobre os que ainda pensavam regenerar a República instaurada em 1910. Esta viragem política, decisiva no sentido daquilo que havia de caracterizar o Estado Novo, dá-se com a posse do governo presidido pelo general Domingos de Oliveira, o qual abre as portas ao reforço progressivo de Oliveira Salazar dentro do governo, (sobre esta mudança no equilíbrio de forças, a nível da ditadura, ver César de Oliveira, *Ascensão de Salazar. Memórias de Ivens Ferraz*, Lisboa, O Jornal, 1988).

ideológicas, políticas e jurídicas que haviam de caracterizar o Estado Novo, com a plesbicitação da nova constituição, em 1933, a *Seara Nova* abandona aquilo que se designa por pequena política e vê-se impelida, até pelo apertar dos canais repressivos e censorios que caracterizaram o regime, a adoptar um discurso mais cultural e doutrinário em profundidade. Não se trata de um empobrecimento do seu conteúdo, quer em termos de combate ao Estado Novo, quer em termos doutrinários, estamos, no entanto, em presença — aliás, comum ao que aconteceu a outras publicações que resistiram à fascização cultural e ideológica do regime — de uma outra estratégia de inculcação de mundividências que privilegia o discurso literário⁽¹⁰⁾. Estamos mesmo em crer que a diminuição acentuada de textos na *Seara Nova* explicitamente políticos, sobretudo a partir de 1933, não deve ser totalmente imputada à falta de liberdade ou mesmo à auto-censura. É evidente que a censura e o ambiente ditatorial têm uma importante responsabilidade nesta estratégia, mas o que não é menos verdade é o facto de este caminho, mais doutrinário e menos ligado às "minúcias da intriga política", já vir a ser preparado ainda quando Sérgio e Raul Proença se encontravam no exílio. Em 1932, Sérgio escrevia a Proença, traçando com este a estratégia a adoptar pela *Seara* no futuro: "De-me grande satisfação a nossa última palestra. Parece-me que estamos agora à *point* para fazer na *Seara* uma pregação profundamente revolucionária — mas essencialmente espiritual, amorosa, cristã, franciscana. Creio que não temos de nos preocupar muito com as minúcias da intriga política, com as suas pequenas personalidades, com o estrito actual, mas pensar sobretudo na juventude, nos grandes interesses do espírito, e nas reformas básicas da vida económica. Parece-me que o nosso tom, o nosso estilo poderá com vantagem passar a ser

⁽¹⁰⁾ Aliás este aumento das temáticas culturais e literárias, depois de 1933, nos conteúdos da revista, em prejuízo de temas explicitamente políticos, foi por nós quantificado, em trabalho já aqui citado, e mostra à exaustão esta mudança. Assim, enquanto que, entre 1921 e 1926, 47,58% das entradas temáticas versavam temas de política e apenas 15,42% diziam respeito à cultura, literatura e arte, no período que vai de 1933 a 1939, esta posição inverte-se totalmente e 45,76% dos textos estão ligados a problemáticas literárias e culturais, cabendo à política somente 9,30% (para maiores desenvolvimentos sobre este assunto, cf. António Rafael Amaro, *ob. cit.*, pp. 32-46).

m^{ais} religioso, mais filosófico, mais alto, mais *sub specie aeternitatis*, sem deixarmos por isso de tratar os problemas no concreto"⁽¹¹⁾.

A citação que acabamos de fazer, embora longa, penso que se justifica pela importância de que se reveste. Sobretudo, porque mostra, dado que a estratégia definida por Sérgio se cumpre plenamente, que o discurso doutrinário mantido pela *Seara Nova*, durante os anos trinta, tem a ver com uma posição de estratégia discursiva e, principalmente, está de acordo com o idealismo que sempre a caracterizou. Idealismo que, sem dúvida, se acentuou com o regresso de António Sérgio do exílio⁽¹²⁾, em 1933. Coube-lhe então a ele — agora sem a companhia de Raul Proença, afastado por doença⁽¹³⁾, nem de Jaime Cortesão, exilado no Brasil — pôr em prática a estratégia definida anteriormente. Nunca a *Seara Nova* se confundiu tanto com as ideias e a estratégia política e intelectual de uma pessoa, como então. A ele, António Sérgio, se ficaram a dever os textos doutrinários que balizaram o conteúdo programático da revista. Atacar, então, a *Seara Nova*, significava, sem qualquer dúvida, atacar o racionalismo da sua figura tutelar. É nossa convicção, no entanto, que talvez a revista, apesar de ter perdido a pena contundente de Raul Proença, nunca se tivesse apresentado antes tão rica e incisiva, em termos doutrinários. Para tanto, basta considerar-se que foi durante a década de trinta que melhor se definiram na revista os conceitos de democracia, de revolução, de socialismo e de cooperativismo.

(11) Carta existente no Esp. de Raul Proença, com data provável de inícios de 1932.

(12) António Sérgio beneficiou de uma amnistia governamental e regressou a Portugal, em 1933, depois de cerca de 7 anos de exílio, em França. Não se sabe ao certo a data precisa do seu regresso. Sabendo-se, no entanto, que tal só se verificou depois do mês de Maio, dado que Sérgio, entre Janeiro e Maio, permaneceu em Santiago de Compostela, onde "leccionou um curso sobre História e Literatura de Portugal, a convite da Universidade local" (cf. Sérgio Campos Matos, "Os Diálogos de Doutrina Democrática", *Revista de História das Ideias*, n.º 5, 1983, p. 536).

(13) Raul Proença foi acometido, em 9 de Novembro de 1931, quando se encontrava exilado em Paris, de uma grave crise mental — esquizofrenia com episódios paranoides e tendências autodestrutivas — que o obrigou a regressar a Portugal, gravemente doente, e a manter-se intemado, no Hospital do Conde Ferreira no Porto, até praticamente à sua morte, em 20 de Maio de 1941. Sobre alguns pormenores da sua doença e das suas dificuldades no exílio, ver José Rodrigues Miguéis, *Uma Flor na Campa de Raul Proença*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1985.

Procurou a *Seara Nova* erguer-se, durante os anos difíceis que caracterizaram a instauração do Estado Novo, como o principal espaço de reflexão e de crítica das elites intelectuais de esquerda. Tentando, deste modo, congregar à sua volta — desiderato que, apesar da emergência de outros discursos concorrentes, acabou por ter êxito — todos os que, descontentes com a nova ordem económica, cultural e política, estivessem interessados em preparar uma alternativa ao Estado Novo. Contudo, a hegemonia que o discurso seareiro teve — sobretudo até meados da década — não vai perdurar até ao final da década de trinta. Por esta altura, emergem novos discursos concorrentes, mais directos e apelativos, no combate ao Estado Novo.

Vejamos, então, de seguida, os contornos do idealismo seareiro e, por fim, a emergência de novos discursos que, embora sob o signo da oposição ao Estado Novo, visavam, também, a superação do paradigma cultural e ideológico representado pela *Seara Nova*.

O idealismo político da Seara Nova

Gostavam os seareiros de salientar — sobretudo quando se pretendiam demarcar de organizações e espíritos estritamente partidários — que, antes de mais, os unia uma mesma atitude, uma semelhante filosofia de vida. Baseava-se esta no "espírito crítico", na "proibidade do pensamento"⁽¹⁴⁾, no fundo, diremos nós, no seu idealismo político que, como salientou Eduardo Lourenço, a propósito de Sérgio, se exprimia na "promoção do dever ser a ser, da forma à realidade"⁽¹⁵⁾. Ou, ainda, como gostava de dizer Sérgio — negando a existência de qualquer voz única na *Seara Nova*, para o conjunto das suas teses —, aquilo que unia os seareiros era a sua "atitude espiritual", que fazia deles uma "espécie de religião do intelecto, religião de suma espiritualidade, de constante aperfeiçoamento interior"⁽¹⁶⁾.

Temos assim que, no entender dos próprios seareiros, aquilo que dava identidade interna e externa à *Seara Nova* era todo um conjunto de valores morais e filosóficos, vividos e experienciados de maneiras

(14) *Seara Nova* [Nota da Redacção], n.º 50,1 Ago. 1925, p. 34.

(15) Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade...*, já cit., p. 181.

(16) António Sérgio, "Sobre uma crise de Consciência", *Seara Nova*, n.º 231, 29 Dez. 1930, p. 233.

diferentes, dependendo das capacidades intelectuais e idiosincrasias individuais de cada um. Unia-os, no entanto — resindindo aqui a sua, apesar de tudo, imagem de coerência —, o pensamento e acção de autênticos guardiões do templo, como foram os casos de Raul Proença, Jaime Cortesão, Câmara Reys e António Sérgio, sobretudo este, principalmente após a doença de Raul Proença.

Ora, o que foi original na *Seara Nova* e que mais contribuiu para o seu espírito de grupo, em termos filosóficos e políticos, não foi, apenas, a sua recusa do positivismo e do cientismo de raiz comtiana, ou de qualquer outra forma gnosiológica de conhecimento exterior à razão, nem mesmo a luta contra o Estado Novo. O que os uniu verdadeiramente, foi sempre, em grande medida, o seu idealismo que encarava a luta pelo triunfo da razão como uma missão. Missão essa que partindo de elites já bafejadas pelo espírito crítico e racional, pretendia levar a luz a todos os recantos das consciências humanas.

Visto deste modo, o racionalismo que domina no espírito dos seareiros, não se afirma como um sistema fechado⁽¹⁷⁾, mas como uma atitude que pretende afirmar-se em todos os domínios da realidade — psicológica, gnosiológica, metafísica⁽¹⁸⁾, etc.— o império incontestado da razão.

Portanto, toda a luta encetada pela *Seara Nova* em prol do socialismo e da democracia, durante o período que aqui nos ocupa, só poderá ser entendida se ligada aos pressupostos filosóficos que acabámos de referir. Razão pela qual recusaram sempre não se ver confundidos com qualquer "partido de intriga política: somos um apostolado de renovação do espírito, de regeneração mental da nossa grey"⁽¹⁹⁾. A *Seara Nova* assumia-se, assim, como a sede de um grupo

⁽¹⁷⁾ Esta é a opinião de V. Magalhães-Vilhena, em relação ao racionalismo de Sérgio: "O racionalismo, para Sérgio, não é um sistema, mas uma atitude. A atitude que afirma em todos os domínios o império racional, o primado da razão [...]" (*António Sérgio: O Idealismo Crítico e a Ideologia Burguesa*, Lisboa, Cosmos, 1975, p. 13).

⁽¹⁸⁾ Diz a este propósito Isabel Mamoto: "o racionalismo sergiano seria a um tempo psicológico — a razão é superior à emoção; gnoseológico — o único órgão adequado ou completo do conhecimento é a razão; metafísico — a realidade é de carácter racional" (Isabel Mamoto, "António Sérgio: Claridades e Sombras", *Revista de História das Ideias*, nº 5, 1983, p. 133).

⁽¹⁹⁾ António Sérgio, "Aos Jovens 'seareiros' de Coimbra, Sobre a Maneira de Lidar com os Inimigos da Luz e da Razão", *Seara Nova*, nº 87, 13 Maio 1926, p. 292.

de elites iluminadas pela razão, a quem competia fazer luz nas consciências dos que ainda não tinham deixado de viver sob o domínio das trevas. Justificavam, deste modo, os seareiros não só a sua missão supra-partidária e supra-classista, concepção essencial na sua filosofia política, mas, também, a ideia de que a regeneração das sociedades passava pela criação de um poder espiritual, a cargo de verdadeiros *clerics*. A estes competia proclamar uma verdade desinteressada e criar uma verdadeira "atmosfera moral sem a qual é impossível a verdadeira salvação" (20).

Neste idealismo, como já dissemos, residia o essencial da atitude seareira. E foi com base nele que sempre equacionaram os grandes problemas do seu tempo e fundamentaram os seus ideais de democracia e de socialismo a construir, como alternativa quer ao fascismo, quer ao comunismo, quer ao liberalismo económico e capitalismo.

Foi sempre entendimento dos seareiros que a crise dos regimes demo-liberais e dos ideais democráticos, bem como o avanço dos regimes ditatoriais, que acabaram por caracterizar o segundo quartel do nosso século, se ficaram a dever, sobretudo, a causas morais e culturais. A ser assim, a terapêutica possível para este mal não podia ser exterior, mas interior, não podia ser estritamente política, mas intelectual e moral. Pois, pregava Sérgio, "a base da democracia é a virtude, como já afirmava Montesquieu; isto é: a moralidade cívica de todos nós" (21). Perspectiva que o levava, muitas vezes, a considerar que a democracia antes de ser um regime político era um ideal, "uma atitude moral". Para, de acordo com este princípio, poder concluir que "a maneira de fazer a democracia não é directamente pela política, mas indirectamente pelos costumes" (22).

Escorados nestes princípios, os seareiros não se cansavam de afirmar que, de facto, a raiz de todo o seu apostolado não era a política em sentido estrito — era, isso sim, "uma reforma de carácter íntimo, intelectual"; era, ainda, "uma iniciação na objectividade do espírito,

20) Raul Proença, "Nós e a Luta", *Seara Nova*, nº 14, 1 Jun. 1922, p. 27. Neste mesmo artigo, Raul Proença justifica historicamente esta sua posição: "Em toda a parte as renovações políticas foram precedidas de renovações espirituais e de grandes movimentos de opinião" (*Idem ibidem*).

(21) António Sérgio, *art. cit.*, p. 292.

(22) *Idem, ibidem*.

no verdadeiro pensar"⁽²³⁾. Porém, e isto não era despreciando, "O resultado político vem depois e surge por si sem que nós o visemos"⁽²⁴⁾.

O verdadeiro democrata, defendia ainda Sérgio, "não é o que começa por dizer ao povo: 'tu és soberano'; mas sim o que tudo faz para "que cada um eleve no seu próprio espírito um duro soberano do seu mesmo eu, que submeta os impulsos e as ambições, os desejos e os sentimentos, ao ponto de vista racional que é o ponto de vista social"P). E, com isto, pretendiam os seareiros desenganar todos os democratas que pensavam poder vir a realizar a democracia mecanicamente, fora do Espírito. Tentá-lo era, a seu ver, não ter "a menor noção dos seus princípios fundamentais"⁽²⁶⁾, era, ainda, não entender que democracia "é disciplina interna", "auto-domínio", numa palavra, "política do Espírito"⁽²⁷⁾.

E, seguro deste idealismo, fazendo lembrar os antigos Apóstolos, Sérgio indicava o caminho aos jovens seareiros, "sobre a maneira de lidar com os inimigos da Luz e da Razão"⁽²⁸⁾: "Não sereis democratas verdadeiros se vos não despiredes inteiramente da menor sombra de personalismo, se não olhardes com calma e ânimo para as pequenezas dos que vos atacam, sem sombra de desprezo nem asco algum, mas com caridade e a sorrir. Cristãos se dizem os que vos querem mal: mas é a vós que compete ostentar as virtudes a que se tomou o hábito de chamar cristãs; são eles os paladinos da aristocracia: sede vós os nobres no vosso espírito, — nos pensamentos e nas acções"⁽²⁹⁾.

ⁱ²³⁾ António Sérgio, "Nótulas Soltas", *Seara Nova*, n.º 357, 28 Set. 1933, p. 327.

⁽²⁴⁾ *Idem, ibidem.*

ⁱ²⁵⁾ António Sérgio, "Ao Jovens Seareiros...", já cit., p. 292.

⁽²⁶⁾ *Idem, ibidem.*

¹²⁷⁾ *Idem, ibidem.*

¹²⁸⁾ Convém aqui recordar que este artigo de Sérgio, especificamente dirigido aos seareiros de Coimbra, foi publicado escassos dias (13) antes da instauração da Ditadura Militar que pôs fim à I República. Foi escrito no contexto de uma iniciativa promovida pela *Seara Nova* contra o fascismo e teve o seu ponto alto com a ida dos principais *seareiros* a Coimbra (23, 24, 25 e 26 de Abril de 1926) — António Sérgio, Câmara Reys, Ezequiel de Campos, Mário de Castro, Rodrigues Miguéis e Sarmento Beires — numa tentativa desesperada de inverterem o que nem eles próprios já acreditavam: a agonia da I República.

ⁱ²⁹⁾ *Idem, ibidem*, p. 293.

É por demais evidente que a realização deste ideal de democracia pressupunha a criação de um homem novo, objectivo último da verdadeira revolução que, na linha de Antero, só podia ser moral⁽³⁰⁾. Revolução que aproximasse o homem do puro espírito; pois, só este saberia libertar-se do eu empírico "a fim de assumir uma atitude objectiva e crítica e de se erguer ao ponto de vista do Universal pela consideração da unidade do todo"⁽³¹⁾. E, deste modo, o ideal democrático defendido pelos seareiros acompanhava a própria ascensão da razão na história, não necessitando, como imperativo da consciência que é, de qualquer legitimação do passado. Precisava, isso sim, que pelo próprio exercício da liberdade, símile do respeito pela dignidade humana, se elevasse o homem ao encontro dessa luz eterna que é a democracia. Pela educação libertar-se-iam as consciências das trevas e do erro, do mesmo modo que pela prática cívica e vivência democrática se abririam os caminhos que conduziriam à democracia. Identificando-se esta, pelo seu carácter eterno, com o puro Espírito. Formando, assim, os que por ela combatiam, uma verdadeira religião. Razão pela qual, podia concluir Sérgio: "Se Deus é Espírito (como afirma Cristo) é bem por Deus que combatemos nós"⁽³²⁾.

Definido, deste modo, o ideal democrático, restava apontar o caminho que conduziria à sua realização. Duas mudanças de percurso, inadiáveis e essenciais, se exigiam: "[...] a saber: no campo espiritual, a passagem da concepção sentimental, expansionista e materialista da Democracia — para a concepção crítica, auto-refreadora e idealista, do regime democrático; no campo social, a passagem do sistema económico onde domina o interesse do produtor e o ponto de vista do produtor — para um sistema económico onde domine o interesse do consumidor e o ponto de vista do consumidor"⁽³³⁾.

(³⁰) Sobre a ideia de revolução em Antero, ver Fernando Catroga, "Política, História e Revolução em Antero de Quental", *Revista de História das Ideias*, n.º 13, 1991, pp. 7-55. Sobre este mesmo assunto, ver, também, António Sérgio, "Em Tomo da Ilusão Revolucionária' de Antero", *Seara Nova*, n.ºs 406-408, 11 Set. 1934, pp. 366-376; "Sobre o socialismo de Antero", *Seara Nova*, n.º 362, 2 Nov. 1933, pp. 24-27.

(³¹) M. Baptista Pereira, "O Neo-Iluminismo Filosófico de António Sérgio", *Revista de História das Ideias*, n.º 5, 1983, p. 59.

(³²) António Sérgio, "Diálogos de um Democrata e de um Estadista burguês", *Seara Nova*, n.º 340, 27 Abr. 1933, p. 55.

(³³) António Sérgio, "Democracia Crítica, Experimental e Cooperativa", *Seara Nova*, n.º 401, 9 Ago. 1934, p. 262.

Temos assim que a realização da democracia social e política pressupunha, previamente, "o combate contra os males sociais dentro do espírito de cada um de nós"³⁴). Porém, se a questão política, social e económica nos aparece dependente desta condição, não é menos evidente a conexão, entre aquilo que, utilizando a terminologia própria do marxismo, podemos considerar a super-estrutura e a infra-estrutura. Ainda que, como é evidente, nada no socialismo seareiro se identifique com o socialismo defendido pelos marxistas. Dado que, contrariamente às teses marxistas — entre outras diferenças fundamentais —, a justiça social, mais do que dependente das relações sociais de produção, é sobretudo o "reflexo da justiça interior de cada um dos seus membros, ou, pelo menos, da justiça interior da elite dirigente de uma nação"³⁵). Ou seja, para a *Seara Nova*, como já referiu Magalhães Vilhena, "o princípio da moralidade não é exterior ao sujeito, é-lhe imanente"³⁶), logo, afastando-se da concepção materialista da história, "a justiça tem de realizar-se pela consciência e na consciência"³⁷).

Foi de acordo com esta concepção que Sérgio pôde dizer que o socialismo defendido pela *Seara Nova* se apresentava como "uma espécie de correctivo ao que há de materialista e de autoritário, de excessivamente mecânico, exclusivista e simplista, na corrente do socialismo que tende a prevalecer no nosso tempo"³⁸). Não concebia, portanto, a *Seara Nova* — na linha de Proudhon e de Antero —, "o socialismo como um conceito puramente económico"³⁹). Razão pela qual, lembrava-se muitas vezes nas páginas da *Seara*, o que motivava a acção do socialista idealista não era a necessidade de uma melhor repartição da riqueza. E, deste modo, o que verdadeiramente fazia intervir o idealista no regime de propriedade e numa organização mais justa desta era o facto da exploração aqui existente ser contrária à justiça e à dignidade humana.

Assim entendidas, as reformas económicas não eram vistas como um meio e um fim da injustiça, mas somente como "um simples instrumento de justiça interior"⁴⁰). E, por via disso é que, defendia * (*)

(M) *Idem, ibidem.*

³⁵ *Idem, ibidem.*

(*) V. Magalhães-Vilhena, *ob. cit.*, p. 101.

³⁷ *Idem, ibidem*, p. 102.

³⁸ Antonio Sérgio, "Sobre o socialismo de Antero...", já cit., p. 24.

³⁹ *Idem, ibidem.*

⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 27.

Sérgio, "Todos os melhoramentos materiais são considerados por nós [*Seara Nova*] como meios e factores de melhoramento espiritual, e a emancipação económica não passa para nós de um meio da emancipação moral, da liberdade de consciência"⁽⁴¹⁾.

Esta concepção idealista de socialismo aparece-nos intimamente ligada à defesa dos ideais cooperativistas que — sobretudo através do empenho de António Sérgio⁽⁴²⁾ — tiveram franca divulgação na *Seara Nova*. Nas organizações cooperativas, como a propósito lembrou Fernando Ferreira da Costa, viu Sérgio simultaneamente um caminho e uma forma de socialismo. A sua importância residia no facto de ele (também ele) poder ser um instrumento importante de libertação e de emancipação dos homens⁽⁴³⁾.

Assim, o socialismo proposto pela *Seara Nova* era, no seu próprio entendimento, diferente de qualquer outra forma de socialismo. Em relação ao socialismo proposto pelos comunistas, distinguia-os, sobretudo, o método: para os comunistas, o socialismo passava pela conquista dos órgãos do Estado, para os seareiros, a socialização dos meios de produção, que também desejavam, não era realizada através deste. A este propósito, lembrava Sérgio: "As outras escolas socialistas propõem-se matar o capitalismo à força de pancadas que são decretos, com as armas políticas de que dispõe o Estado; nós queremos matá-lo por asfixia, crescendo sobre o corpo do capitalismo, como uma vegetação sobre uma ruína"⁽⁴⁴⁾.

Esta atitude reformista, mais moral e cultural do que política em sentido estrito, que pretendia exercer um puro apostolado idealista, através da persuasão e da racionalização das consciências, num contexto

⁽⁴¹⁾ António Sérgio, "Retalhos de Doutrina Democrática", *Seara Nova*, n.º 327, 12 Jan. 1933, p. 232.

⁽⁴²⁾ A divulgação de textos sobre cooperativismo, normalmente traduzidos e comentados por António Sérgio, começou ainda em 1932 — (cf. *Seara Nova*, n.º 284, 4 Fev. 1932, pp. 320-321) —, prolongando-se, com mais intensidade, durante todo o ano de 1933. O autor mais traduzido foi, sem dúvida Charles Gide, com cerca de 15 artigos. Para além deste autor, tiveram também alguma importância os artigos de Ernest Poisson e Francis Delaisi.

(¹) Fernando Ferreira da Costa, "O Pensamento Cooperativo de António Sérgio e as correntes cooperativas francesas", *Revista de História das Ideias*, n.º 5, 1983, p. 378.

^(u) António Sérgio, "Mais Retalhos", *Seara Nova*, n.º 332, 2 Mar. 1933, p. 310.

político e ideológico profundamente exacerbado, que, como é sabido, caracterizou a década de trinta, viria a sofrer forte contestação. Sobretudo da parte de alguns sectores da oposição que defendiam uma intervenção mais directa na vida política.

Muitas destas críticas, curiosamente, são feitas do interior da *Seara Nova*. Por elementos que, em face da situação cada vez mais hostil para os ideais democráticos, colocam em questão a eficácia da *Seara*, enquanto grupo de acção política. Manifestando, por via disso, fortes discordâncias em relação ao seu idealismo e modo de actuar. Esta contestação, que vai engrossando à medida que o Estado Novo se reforça política e ideologicamente, conhece o seu epílogo nos finais da década de trinta, no contexto da Guerra Civil de Espanha.

A contestação aos métodos e princípios da Seara Nova

O derrube da I República e a impotência sentida pelos sectores democráticos em inverter a situação que conduziu ao Estado Novo, levou a que se começasse a duvidar dos tradicionais métodos de fazer oposição. *A Seara Nova*, que manteve intacto, depois da instauração da Ditadura Militar, o prestígio adquirido durante a I República, não deixou, apesar disso, de ser — à medida que o tempo passava e a ditadura se ia tornando, mesmo para os mais optimistas, num processo irreversível — criticada, tanto nos métodos de actuação, como nas ideias que defendia.

As críticas começaram por vir de jovens intelectuais — muitos deles formados politicamente no seio da *Seara Nova* —, os quais se tornaram cada vez mais cépticos e desapontados com a eficácia dos métodos seguidos pela direcção da *Seara*. Entre muitos exemplos, parece-nos bastante elucidativa uma carta de um jovem seareiro, Mário de Castro, para Raul Proença, em Novembro de 1929: "confessar-me-há também um dia que toda a actividade da *Seara* tem sido um erro tremendo e uma completa demonstração de incapacidade para tudo o que seja acção. Espanta-me a vossa falta de intuição intelectual nesta emergência. Mas, enfim, o êrro está feito e irremediavelmente, com a agravante de os meus amigos persistirem nele"⁴⁵).

⁴⁵) Esp. de Raul Proença, Biblioteca Nacional.

Apesar destas críticas, já o dissemos, a *Seara Nova* recusou sempre transformar-se numa espécie de partido político, como alguns desejavam. Recusando-se, por isso, a abandonar a sua atitude pedagógica e o seu princípio sagrado do primado da cultura na acção política. Aos que não entendiam esta atitude, como era o caso do recém formado "Grupo de Renovação Democrática" (1933), — curiosamente, este grupo tinha a participação de Mário de Castro —, respondeu Sérgio, ainda do exílio: muito embora todo o apostolado da *Seara Nova* visasse sempre a "política e só política", não deixaram de a fazer "pela raiz de tudo que é o intelecto"⁴⁶). Não escondia, no entanto, a sua opinião sobre a dificuldade que, no seu entender, alguns sectores da oposição tinham — "indivíduos que adoptaram a orientação partidária, com os seus dogmas e exclusivismos"⁴⁷) — em perceber esta forma de fazer política que pretende ir "a toda a parte prégar a idea"⁴⁸).

A função da *Seara*, lembrava mais uma vez Sérgio, continuava a ser, apesar (ou por causa) das mudanças políticas trazidas pelo 28 de Maio, a de construir a democracia por "dentro — no interior das almas — pela cultura mental de indivíduos de elite"⁴⁹). Cabendo-lhe, portanto, sem que isso fosse contrário a outras atitudes⁵⁰), continuar a ser, na sociedade portuguesa, uma espécie de "gimnásio intelectual, moral e cívico"⁵¹).

Manteve-se assim a *Seara Nova*, apesar das profundas mudanças políticas, fiel aos princípios e objectivos que estiveram na sua origem — uma atitude doutrinária e pedagógica idealista que visava a mudança das mentalidades. Posição que não disfarçava um marcado elitismo e, * 1

(*) António Sérgio, "Grupo de Renovação Democrática", *Seara Nova*, n.º 336, 30 Mar. 1933, p. 372.

(D António Sérgio, "Nótulas Soltas", *Seara Nova*, n.º 357, 28 Set. 1933, p. 327.

¹⁴⁸) *Idem, ibidem.*

¹⁴⁹) *Idem, ibidem.*

(⁴) Em carta sem data, mas datável entre Dezembro de 1931 e Fevereiro de 1932, escreveu Sérgio a Raul Proença: "Concordo com o que diz da *Seara*. Nós os dois e o Câmara Reis devemos ficar onde estamos, mas parece-me bem que os que se sintam com gosto e capacidade para a acção vão para os partidos. Pelo facto de nós dois termos nascido escritores políticos, não devemos insistir em que os outros se mantenham nesta especialidade" (Espólio de Raul Proença, Biblioteca Nacional).

⁵¹) António Sérgio, *art. cit.*, p. 327.

em termos políticos, um certo despeito pela política concreta e partidária. Era por assim pensarem que, nas suas próprias palavras, se recusavam a ser "uma igreijinha, uma seita, uma escola literária, um corrilho"⁽⁵²⁾. De fixo, gostava de salientar Sérgio, "só a atitude e o ideal moral: a atitude crítica e investigadora, racionalista e tolerantíssima; e o ideal democrático da Liberdade, da Igualdade, da Fraternidade, que é o próprio ideal da Revolução, a que poderia chamar a revolução Cristã"⁽⁵³⁾.

A atitude política da *Seara Nova* e a fidelidade ao paradigma cultural e ideológico que a tinha caracterizado durante a I República — numa altura em que se tomavam evidentes, no seio da oposição, os sinais de impaciência perante uma situação que não conhecia qualquer evolução positiva e que, pelo contrário, caminhava a passos largos para a fascização⁽⁵⁴⁾ da ditadura — começava a ser fortemente contestada⁽⁵⁵⁾.

Coube, no entanto, a Rodrigues Miguéis, em 1930, dar corpo e sistematizar muitas das críticas que, há muito, andavam no ar, nas páginas da própria revista *Seara Nova*. Dando assim início a um debate que punha em causa — numa perspectiva marxista-leninista⁽⁵⁶⁾

(52) Nota da direcção, *Seara Nova*, n.º 434, 11 Abr. 1935, p. 18.

f3) António Sérgio, "Nótulas...", já cit., p. 328.

f54) Sobre esta evolução, sobretudo no que diz respeito à eficácia ou ineficácia da aplicação do conceito de "fascismo" ao estudo da sociedade portuguesa, pós 1926. Cf. JP. Avelãs Nunes, "O conceito de fascismo na história recente de Portugal", *Vértice*, n.º 56, 1993, pp. 13-23.

(e) Um exemplo desta contestação, em relação à atitude da *Seara*, enquanto grupo que, de facto, fazia política, está bem presente no que Piteira Santos escreveu, quarenta anos mais tarde: "A *Seara* política da época do parlamentarismo republicano [...] armou os seus leitores em relação à demagogia dos republicanos liberais mas não os armou contra o assalto ao poder dos anti-liberais monárquicos e republicanos. [...] A *Seara* — dizia — soube marcar a sua diferença em relação aos partidos empenhados no jogo de construir e de destruir a 'República'. [...] Mas do negativo para o positivo, faltou-lhe garra. A tal inibição portuguesa para o remate, na política como no futebol. [...] Respeitável era a intenção. E o resultado? Nem o exercício da livre crítica, nem o apostolado cívico, nem a pregação pedagógica, se revelaram uma via reformista possível; de modo algum uma estratégia política" ("Bilhete de parabéns em papel de tomassol", *Seara Nova*, n.º 1512, 1971, p. 16).

f56) Esta aproximação ao marxismo, por parte de R. Miguéis, era do conhecimento de alguns seareiros e da própria direcção da *Seara Nova*, mesmo antes de 1930, parecendo, no entanto, ponto assente que a sua adesão ao Partido Comunista Português se dá apenas nos inícios da década de trinta. Ligação

— os métodos e princípios defendidos pela direcção da revista, bem como a sua eficácia no combate à fascização da Ditadura Militar.

Ousou, portanto, este antigo seareiro contestar — numa altura em que o humanismo seareiro hegemonzava, entre os intelectuais de esquerda, a oposição à ditadura — o principal paradigma de referência da *Seara Nova*, a geração de 70, e, segundo as suas próprias palavras, marcar o sentido em que devia "encaminhar-se a acção política e social dos intelectuais democratas [...]"⁽⁵⁷⁾. Afirmando, claramente, que o caminho deveria ser trilhado, "por oposição, em grande parte, aos métodos da grande geração [refere-se, obviamente, à geração de 70], e aos da *Seara Nova* no presente"⁽⁵⁸⁾.

Esta atitude de Rodrigues Miguéis — no preciso momento em que a correlação de forças no seio da Ditadura Militar se tornava favorável aos que pretendiam fundar uma nova ordem, muito para além do sentido regenerador inicial⁽⁵⁹⁾ — pode ser considerada, no entender de J. Borges de Macedo, como "a primeira exposição, em língua portuguesa, do marxismo-leninismo numa versão inserida na situação portuguesa"⁶⁰). De facto — reconheceu-o, o próprio Rodrigues Miguéis, no decorrer da polémica com a direcção da *Seara Nova* — era bem este o sentido, quando o jovem intelectual defendia que tinha chegado o momento de abandonar o caminho de intervenção social e intelectual defendido pelos seareiros para ir ao encontro do que, então, considerava ser a missão essencial de um verdadeiro revolucionário — ajudar no "trabalho duro da realização da democracia socialista pelo próprio povo..."⁽⁶¹⁾.

que se prolonga mesmo depois de Rodrigues Miguéis ter partido para os E.U.A, onde teria continuado a sua ligação clandestina ao RC.R (sobre este assunto cf. Mário Neves, *José Rodrigues Miguês — Vida e Obra*, Lisboa, Editorial Caminho, 1990).

⁽⁵⁷⁾ José Rodrigues Miguéis, "Uma carta", *Seara Nova*, nº 231, 29 Dez. 1930, p. 231.

⁽⁶⁰⁾ *Idem, ibidem*.

⁽⁶¹⁾ Cf. Fernando Rosas, "A Evolução Política", *Nova História de Portugal — Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, dir. Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques, vol. XU, Lisboa, Editorial Presença, 1992, p. 22.

ⁱ⁶⁰) J. Borges de Macedo, "Significado e evolução das polémicas de António Sérgio — a ideologia da razão (1912-1930)", *Revista de História das Ideias*, nº 5, 1983, p. 529.

⁽⁶¹⁾ José Rodrigues Miguéis, *art. cit.*, p. 231.

As críticas e as propostas de Rodrigues Miguéis inserem-se, como acabamos de ver, numa perspectiva marxista. Perspectiva que, a partir dos inícios da década de trinta, vai ganhando influência junto de importantes camadas de jovens intelectuais que veem nela uma forma mais eficaz de se oporem com êxito a um regime cada vez mais identificado com os modelos políticos fascistas, então em franca expansão na Europa.

Em estreita ligação com estes novos discursos no seio da oposição, emergem uma série de publicações que, de alguma forma, procuram dar voz e acolhimento às novas teses. Destacam-se, neste sentido, órgãos como *Pensamento* (1930-1940) — até 1934, com subtítulo "órgão do Instituto de Cultura Socialista"—, *O Diabo* (1934-1940), *Sol Nascente* (1937-1940), entre outros. Publicações que, como veremos mais tarde, estiveram ligadas ao acolhimento das teses literárias do neo-realismo que, como também veremos, se tratou de um registo literário do realismo socialista.

A polémica de Rodrigues Miguéis dá, assim, início à emergência de um novo humanismo que se pretendia portador de um tempo novo.

A crítica que, neste ponto, Miguéis faz à *Seara Nova*, contempla, curiosamente, alguns dos argumentos que ela própria vinha arremessando contra os sectores mais tradicionalistas da sociedade portuguesa: "Já me parece bastante — argumentava Miguéis —, na crise actual, que sejam os adversários da democracia a pôr os problemas político-sociais dentro do critério histórico e tradicionalista, procurando no passado disciplinas para a vida que brota"⁽⁶²⁾. Aos intelectuais portugueses mais do que legitimar as suas opções no passado, competia adquirirem a "consciência histórica do momento em que vivemos"⁽⁶³⁾. Era esta a tarefa do novo revolucionário que evita —como não era o caso da *Seara Nova*, segundo Rodrigues Miguéis — submeter-se "às lições do passado com que certos senhores pretendem às vezes reduzir-nos ao silêncio e à inacção" ⁽⁶⁴⁾. Até porque, "Não somos culpados de que o tempo tivesse criado novas exigências. Não podemos repetir a cada instante: "Que diria disto o Antero? Que faria o Antero nestas circunstâncias?"⁽⁶⁵⁾.

(⁶²) Rodrigues Miguéis, "Sobre os fins e a coragem nos meios de actuar (I)", *Seara Nova*, n.º 220, 18 Set. 1930, p. 59.

X⁽⁶³⁾ *Idem, ibidem*.

(^a) *Idem, ibidem*, p. 58.

(⁶⁵) *Idem, ibidem*, p. 59.

Era dever dos intelectuais "passar das afirmações doutrinárias à acção, dos métodos expositivos, da controvérsia lógica, para a dialéctica da organização e para a própria organização; das camarilhas, tertúlias e academias para a atmosfera aerea fértil das massas populares"⁶⁶). E tudo para que os intelectuais não acabassem por "ser comidos"⁽⁶⁷⁾ — como o foram, na perspectiva de Miguéis, Herculano, Antero e Oliveira Martins.

Rodrigues Miguéis não podia ser mais explícito em relação ao alvo das suas críticas. E, para que não restassem dúvidas, questionava: "onde fica a obra social dos homens da grande geração? Onde estão os sinais da sua passagem, se fecharmos à chave as nossas bibliotecas?"⁶⁸). Se alguma coisa mudou na sociedade portuguesa, no entender de Miguéis, pouco ou nada se ficou a dever à geração de 70, ou mesmo aos seus seguidores. O que de bom ainda restava devia-se à irreverência dos caricaturistas, às campanhas políticas e, sobretudo, ao "exaspêro do povo", ao seu "sangue derramado", ao seu "heroísmo plebeu", à sua "paixão" e "misticismo"⁽⁶⁹⁾.

Estamos, agora, perante um novo herói, o povo; "socialmente, a única massa plástica, receptiva, capaz de consagrar e vivificar os pensamentos dos intelectuais"⁽⁷⁰⁾. E, decorrente deste entendimento, urgia refazer o seu papel social. Dos intelectuais espera-se, agora, que assumam o seu papel na sociedade. Que passava pelo caldear das suas ideias com o sentir e o sofrimento das classes populares. Abandonando, assim, o caminho seguido até aqui. Em que, "com raras excepções, esses homens fizeram dos seus apostolados, das suas lutas, simples exercícios espirituais — duelos, diálogos, controvérsias para raros, prolongados *corps-à-corps* filosóficos e culturais — possuídos da certeza de que o reduzido número dos seus leitores constituiria necessariamente a elite da qual esperam a solução dos problemas portugueses. A multidão, o povo, se preferem, desapareceu quasi que por completo dos seus escritos, — o povo que é o instrumento e deve ser, em democracia, o terreno e o fim das grandes lutas e renovações sociais"⁽⁷¹⁾.

⁶⁶) Rodrigues Miguéis, "Uma carta", já cit., p. 231.

⁽⁶⁷⁾ *Idem*, "Sobre os fins e a coragem nos meios de actuar (II)", *Seara Nova*, n.º 222, 2 Out. 1930, p. 90.

⁶⁸) *Idem, ibidem*, p. 88.

^(æ) *Idem, ibidem*.

⁷⁰) *Idem, ibidem*.

⁽ⁿ⁾ *Idem, ibidem*, p. 89.

Enganavam-se, portanto, os que, como era o caso da *Seara Nova*, pensavam mudar a sociedade portuguesa através da "acção isolada de meia dúzia de intelectuais honestos, num meio crasso de ignorância, avêso ao progresso das ideias e das técnicas, anquilozado pela reacção religiosa, política e social, pela fome, pela exploração capitalista, pela especulação de uma centenas de indivíduos que fazem da sua pseudo-cultura as ventosas duma voracidade insaciável" (72).

À revolução "de varinha mágica" — advertia sarcasticamente Miguéis, visando directa e frontalmente a *Seara Nova* — que tudo espera do "Espírito Santo de Élite" (73), havia que opor a nova revolução. Uma revolução que procurasse, por todos os meios — "Os idealistas que em nome dos ideais repudiam a acção necessária à sua efectivação, mentem, por inconsciência ou estupidez" (74) —> "pôr os factos de acordo com o nosso idealismo" (75). — Se este "tem ou não raízes no passado — continua Miguéis — pouco importa. O que dita a conduta são as circunstâncias do presente e as possibilidades do futuro" (76).

Rodrigues Miguéis não podia ser mais claro nas suas intenções políticas e intelectuais. Acima de tudo, como a este propósito observou Pedro Pita, "visava a transformação dos paradigmas do trabalho dos intelectuais portugueses" (77), para, deste modo, romper com uma tradição socialista proudhoniana-anteriana que, a seu ver, pouco tinha feito para a necessária transformação da sociedade (78). Isto não escapou

(* *) *Idem, ibidem.*

(") *Idem, ibidem*, p. 90.

(74) *Idem, art. cit.* (I), p. 61.

(75) *Idem, ibidem*, p. 60.

(*) *Idem, ibidem*, pp. 60-61.

U) A. Pedro Pita, *A Recepção do Marxismo pelos Intelectuais*, Coimbra, Oficina do Centro de Estudos Sociais, 1989, p. 3.

(*) Referindo-se concretamente a Eça de Queirós, dizia Miguéis: "Que importa na verdade que o Eça tivesse aspirado em Proudhon o seu "revolucionarismo", se havia de ficar de pés estendidos para o fogo ameno, remexendo voluptuosamente em sonho as rendazinhas do marquezinho de Blandford? Onde estão os resultados sociais da sua obra, se exceptuarmos uns scepticismos baratos, umas ironias fáceis, uns snobismos inspirados em Fradique, os lucros dos Lelos, a educação sexual das semi-írgens que andam [...]. Considere-se a sociedade portuguesa de hoje, posterior a todos os últimos acontecimentos, e diga-se onde está a diferença íntima, essencial, estrutural, nos homens ou nas coisas, que tenha vindo do Eça e dos seus contemporâneos" (Rodrigues Miguéis, *art. cit.* (II), p. 88).

a Antonio Sérgio que, ao responder-lhe — apesar de todos os cuidados que a situação política portuguesa exigia — mostrou que percebeu bem o alcance político e ideológico que estava presente no discurso do seu antigo discípulo: "Ao que nos parece — respondeu Sérgio — a divergência entre nós e o crítico assenta numa base que tem semelhança à que está subjacente ao antagonismo entre os bolxevistas e os anarquistas, ou anarco-sindicalistas, — ou, por outra forma, entre Marx e Proudhon"⁽⁷⁹⁾. De facto, assim era. E se a geração de 70, pela influência que nela teve o pensamento filosófico e político de Proudhon, tornou mais difícil a recepção do marxismo nas elites intelectuais portuguesas, durante o século XIX, o mesmo se aplica ao século XX com a *Seara Nova* que, ao rever-se no socialismo de matriz anterior (apesar das diferenças que nas suas propostas concretas é possível encontrar, caso, por exemplo, da importância que o cooperativismo assume no socialismo da *Seara Nova*, nos anos trinta), assumiria na cultura portuguesa uma importante resistência à recepção das propostas marxistas[^]. E, deste modo, a *Seara Nova* pôde, nos anos trinta, quando, de um lado e de outro, se fazia passar a ideia que entre a via comunista e fascista não havia alternativa, defender que a opção passava pelas suas propostas: "só nós — garantia Proença (1931)—os socialistas liberais, constituímos hoje a verdadeira garantia da ordem e da justiça na terra. Só nós somos os verdadeiros defensores da civilização ameaçada pelo apetite de uns, pelo egoísmo de outros, e pela cegueira de todos. Nós não concebemos o futuro como uma linha quebrada fazendo brusca inflexão sobre a linha do passado, mas como a própria linha do passado prolongada [...]. Não queremos que tivesse sido em vão que Sócrates bebeu a cicuta, que Cristo expirou na Cruz, que Bruno morreu na fogueira. Não nos resignamos a que a história do homem seja eternamente uma coisa bruta, cega, inconsciente, como muito provavelmente o é o Cosmos"⁽⁸¹⁾.

O destaque que acabámos por dar à polémica entre José Rodrigues Miguéis e a direcção da *Seara Nova* encontra, a nosso ver,

O António Sérgio, "Sociedade e espírito, acção política e sinceridade intelectual", *Seara Nova*, n.º 230, 25 Dez. 1930, p. 215.

(⁷⁹) Esta é, também, a opinião de Borges de Macedo que considera de "importância decisiva" a resistência da *Seara Nova* (Borges de Macedo, "A Resistências à historiografia marxista", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Ano XII, n.º 519, 16-22 Jun. 1922, p. 16).

(^w) Raul Proença, "O Ultra Romantismo Político do 'Diário de Notícias'", *Seara Nova*, n.º 256, 1 Out. 1931, p. 9.

uma dupla justificação, para além do interesse factual puro e do contexto que a gerou:

— Por um lado, estamos em presença de um discurso alinhado ideológica e politicamente com a interpretação historicista do marxismo⁽⁸²⁾ que, como tivemos ocasião de referir, pretendia demonstrar a incapacidade dos intelectuais idealistas e do humanismo herdado da geração de 70 em compreenderem o momento histórico que se vivia. E, de acordo com esta mesma visão marxista, negar — em termos políticos, culturais e sociais — qualquer eficácia às ideias desligadas da praxis. O que, do ponto de vista político, significava uma crítica ao humanismo que entroncava no socialismo da geração de 70 — o mesmo é dizer da *Seara Nova* que se dizia continuadora dele.

Por outro lado, estamos em presença de uma polémica que enuncia, com toda a clareza, os termos de um debate que viria a dividir, na segunda metade dos anos trinta, os intelectuais portugueses que se opunham ao Estado Novo — referimo-nos às célebres polémicas em torno do papel da cultura, do intelectual e da arte em geral que irá opor presencistas e neo-realistas. Polémicas que, apesar de terem como centro questões culturais, todos sabiam ser os termos visíveis de um combate ideológico e político mais profundo.

A divisão cultural e ideológica na Oposição ao Estado Novo: da hegemonia seareira à emergência de outros discursos

A oposição ao Estado Novo, durante parte da década de trinta, apesar de algumas tentativas espectaculares de revoltas e levantamentos — casos, por exemplo, da Revolta da Madeira (Abril de 1931) e da tentativa de insurreição (Janeiro de 1934), organizada pela CGT, de orientação anarco-sindicalista, e por alguns militantes comunistas —, não conseguia esconder a ansiedade e o sentimento de impotência perante um poder cada vez mais hostil e repressor. As divisões entre a oposição democrática e republicana e a falta de fortes partidos de massas — o Partido Socialista, embora nunca tivesse sido

⁽⁸²⁾ Cf. António Pedro Pita, *A Recepção do Marxismo...*, já cit., p. 23. (O mesmo autor defende que nesta mesma linha de recepção historicista do marxismo se integra Bento de Jesus Caraça. Opinião que corroboramos e que pretendemos demonstrar na nossa dissertação de mestrado, já aqui citada. Neste sentido, cf. o nosso trabalho, pp. 124-128).

um partido de massas, autodissolve-se em 1933, o Partido Comunista inicia a década de trinta em profunda crise ideológica e com escassos militantes (em 1929 contava apenas com 40 militantes), a corrente anarco-sindicalista, que ainda consegue levantar-se em 1934 contra a fascização do regime e dos sindicatos, vê-se quase destroçada após as prisões e perseguições que se seguiram à insurreição de 18 de Janeiro — tornam quase impossível a construção de qualquer alternativa ao novo regime^(æ).

Decorre daqui que, durante grande parte da década de trinta — em face da falta de liberdade, da repressão e da impossibilidade de os partidos se poderem constituir e organizar legalmente —, algumas revistas culturais erguem-se como verdadeiros centros de oposição. Beneficiavam muitas destas publicações — como era o caso da *Seara Nova*, *O Diabo*^(M), *Sol Nascente*⁽⁸⁵⁾, entre outras — de uma certa complacência do aparelho censório, sobretudo devido ao seu carácter supostamente cultural.

Impedida, portanto, a oposição de avançar, livremente, com propostas políticas alternativas, proibida de se organizar em partidos e de se expressar livremente na imprensa diária, na rádio⁽⁸⁶⁾, ou em qualquer outro órgão de divulgação mais abrangente, não lhe restou outra alternativa do que tentar fazer passar o seu discurso em periódicos que, aparentemente, estavam mais talhados para uma reflexão cultural, pedagógica e crítica. Lembra, a propósito, Carlos Reis que estas

(æ) Sobre a divisão e desorganização das forças democráticas, durante parte da década de trinta, cf. Fernando Rosas, *ob. cit.*, pp. 24-28.

(M) O *Diabo* — "semanário de crítica literária e artística" — teve a duração de seis anos (1934-1940) e contou com a colaboração e direcção de nomes prestigiados da nossa cultura e da oposição ao Estado Novo, como foram os casos, por exemplo, de Ferreira de Castro e de Rodrigues Lapa.

(85) *Sol Nascente* — "quinzenário de ciência e arte" — vigorou durante três anos (1937-1940), foi um dos mais importantes órgãos de divulgação do neo-realismo, nele colaboraram nomes como: Rodrigues Soares, Armando Martins, Joaquim Namorado, Fernando Namora, Manuel da Fonseca e, tantos outros.

(86) Saliente-se, a propósito, que a rádio faz o seu aparecimento em Portugal em 1925, mas só em 1931, com a fundação do Rádio Clube Português e, sobretudo, com o surgimento da Emissora Nacional (1933), por iniciativa do ministro da Obras Públicas e Comunicações, Duarte Pacheco, é que esta se assume como veículo influente e privilegiado de propaganda ideológica e cultural do Estado Novo.

publicações — muito embora, como é lógico, não estivessem libertas da censura e das perseguições —, "pela sua mais limitada circulação e por eventualmente se limitarem a grupos relativamente localizados, acolhiam vozes e textos que (embora não raro mutilados ou exigindo uma adequada 'camuflagem') dificilmente podiam aparecer na imprensa diária ou na rádio"⁽⁸⁷⁾. Por isso, aqui se acantonaram muitos intelectuais que, não podendo fazer política de forma explícita, utilizaram as revistas como importantes centros (até pelas solidariedades grupais que, para além das intelectuais, estes espaços animam) de oposição ao Estado Novo.

Este facto e a conjugação de um ambiente de crispação política e ideológica que marcou a segunda metade da década de trinta — Guerra Civil de Espanha (1936-1939), aumento das tensões imperialistas que viriam a desembocar num segundo conflito militar mundial — acabaram por criar as condições para um extremar de posições, em registo literário, que camuflavam uma profunda contestação política e ideológica ao regime. É, portanto, neste contexto que se deve integrar a emergência do neo-realismo⁽⁸⁸⁾ que, embora não deva ser considerado um movimento político de mero disfarce literário, não deixou de representar, no contexto político e social da época, "a única expressão viável de aspectos da vida social que, noutras circunstâncias, teriam cabido ao jornalismo, à política e ao livro doutrinário"⁽⁸⁹⁾. Sobretudo se tivermos em consideração que o neo-realismo — por muitos chamado "novo humanismo" — representou, no contexto cultural português, a divulgação, em registo literário, de uma visão materialista da história.

Ora, o movimento neo-realista, como salientou E. Lourenço, pelo facto de nele a teoria preceder a prática literária, converteu "a priori os seus servidores em guardiães ou apóstolos de uma ortodoxia literária,

⁽⁸⁷⁾ Carlos Reis, "A produção entre a norma e a ruptura", *Portugal Contemporâneo* (Dir. António Reis) vol. IV, Lisboa, Publicações Alfa, 1992, p. 221.

⁽⁸⁸⁾ Recorda, a este propósito, Eduardo Lourenço que "Convém não esquecer este dado elementar: o neo-realismo de que nos ocupamos é, antes de tudo, um fenómeno cultural ideológico e literário, português. Quer dizer, encontra-se inserto como actor e sujeito de drama num contexto preciso que é o da nossa específica história desde 1936 [...]" (*Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista*, 2ª ed., Lisboa, Pub. Dom Quixote, 1983, p. 15).

^(*) Mário Sacramento, *Há Uma Estética Neo-Realista?*, 2ª ed., Lisboa, Vega, 1985, p. 22.

de um 'dever-ser' cultural, sombra ou sócia do 'dever-ser' ideológico⁽⁹⁰⁾. Em face disto, não admira o conteúdo polémico que caracterizou a sua emergência, bem como a sua tendência hegemonzadora. Pois, muito embora o lado mais visível e extremado do confronto se faça com o movimento literário da *Presença* (1927-1940)⁽⁹¹⁾, pelo que ele representava no contexto cultural português⁽⁹²⁾, todo o conteúdo ideológico marxista que estava subjacente ao neo-realismo, pretendia pôr em causa, em termos culturais e políticos, muito mais do que aquilo que os presencistas representavam⁽⁹³⁾.

Na *Presença* viam os neo-realistas o principal obstáculo à afirmação de uma literatura mais empenhada e claramente identificada com os pressupostos ideológicos marxistas⁽⁹⁴⁾. A polémica, se bem que conduzida, por razões óbvias, ao abrigo de questões culturais e literárias, não escondia o que de mais importante os dividia e aquilo que verdadeiramente estava em jogo. Para Pinheiro Torres, esta

⁽⁹⁰⁾ Eduardo Lourenço, *ob. cit.*, p. 14.

⁽⁹¹⁾ O movimento da *Presença* — assim conhecido pela importância que granjeou o grupo e revista *Presença*, publicada em Coimbra a partir de 10 de Março de 1927 e que se prolongou até 1940 — fazia parte do rol dos movimentos culturais desafectos ao Estado Novo. Referindo-se à *Presença*, escreveu Carlos Reis: "No movimento da *Presença* encontramos um exemplo flagrante de disponibilidade para a incorporação na nossa literatura de temas e experiências estético-literárias em grande parte inovadoras e, desse modo, a abertura a nomes, tendências e práticas que a cultura oficial tardava em consagrar" (Carlos Reis, *art. cit.*, p. 228).

⁽⁹²⁾ Na explicação desta polémica, Pinheiro Torres justifica o facto de ela se fazer com a *Presença* porque "no plano literário, ela só poderia estabelecer-se contra aquele tipo de literatura ou autores que se haviam consagrado — e estes eram os da revista *Presença* (1927-1940) — e não só consagrado como se haviam tomado no novo establishment" (*O Movimento neo-realista em Portugal na sua Primeira Fase*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1977, p. 20).

(* *) Para um maior desenvolvimento desta polémica, cf. *Idem, ibidem*, pp. 20-36.

(*) Lembrou, a propósito, Óscar Lopes que "Se a consagração dos presencistas corresponde, anterior e contemporaneamente, ao derruir do edifício ideológico de passadismo histórico e de pseudo-epopeia ultramarina nacionalista —, o neo-realismo e o então correlativamente chamado 'novo humanismo' foram rótulos que impuseram, apesar da Censura, uma visão materialista histórica das perspectivas nacionais e gerais, e correspondem a um rompimento radical" (Óscar Lopes, "Gaibéus: uma leitura (uma lição) cinquentenária", *Vértice*, nº 21, Dez. 1989, p. 19).

polémica mais não foi do que o afirmar de um *Novo Humanismo* (conceito que camuflava a palavra socialismo marxista) que pretendia a superação do humanismo da geração de 70⁽⁹⁵⁾. Dado que pelo recusar "deste tipo utópico de socialismo", passava, como "condição sine qua non", o "estabelecimento teórico do Neo-Realismo". O mesmo é dizer, na opinião de Pinheiro Torres que temos vindo a citar — muito embora esta apreciação nos pareça, excessivamente, redutora⁽⁹⁶⁾ —> que "não há no Neo-Realismo qualquer compatibilidade ideológica com o Socialismo de oitocentos"⁽⁹⁷⁾.

A ser assim, o que, de facto, estava em causa, muito mais até do que a *Presença*, era o modelo ideológico e cultural protagonizado pelos seareiros. Contudo, não foi com a *Seara Nova* — e não é apenas por esta não ser uma revista literária — que a polémica mais se extremou. Tal facto ficou, no nosso entender, a dever-se ao papel de vanguarda — pesem embora as diferenças ideológicas que separam as duas perspectivas — que seareiros e neo-realistas reservavam para os intelectuais, como veremos mais adiante.

Apesar das diferenças sempre assumidas, entre a *Seara Nova* e a *Presença*, alguns dos principais teóricos desta revista — sobretudo José Régio — mantiveram assídua colaboração na primeira. Contudo, tal não significa qualquer identidade ideológica e/ou cultural, entre as duas revistas⁽⁹⁸⁾.

(* *) Sobre esta perspectiva, cf. A. Pinheiro Torres, *O Neo-Realismo Literário Português*, Lisboa, Moraes Editores, 1977, pp. 9-16.

(%) Nomeadamente se tivermos em consideração a opinião de Mário Sacramento, para quem o neo-realismo em termos políticos teve "ideários (no plural), por que havia uma alternativa, no plano das hipóteses, quanto à saída plausível da conjuntura existente: instauração, no imediato, de uma democracia de tipo popular e socialista, ou acesso a ela através de uma fase prévia de democracia liberal e burguesa" (Cf. Mário Sacramento, *ob. cit.*, p. 21).

^{†97)} A. Pinheiro Torres, *O Movimento Neo-Realista em Portugal...*, *ob. cit.*, p.

33.

(*) Aliás Sérgio tinha perfeita consciência deste facto, pois em 1936, curiosamente a propósito de um artigo de SantAna Dionisio (Sérgio considerava-o o seareiro mais próximo das teses da *Presença*), aproveitava para lembrar que na *Seara Nova* se praticava "a mais larga liberdade de discussão, e por isso publicamos artigos que não são de espírito seareiro [...] mas reservámo-nos sempre (como se sabe, e como é lógico) o direito de explicitar as nossas divergências em relação a êsses artigos, sempre que tal cousa nos parecesse oportuno" (António Sérgio, "Sobre os inconvenientes de se desprezar a clareza do entendimento", *Seara Nova*, n.º 482, 13 Ago. 1936, p. 31).

Este distanciamento da *Seara Nova*, em relação aos dois movimentos literários em litígio, também não impediu que na sua revista fossem publicados alguns dos mais importantes artigos que opuseram presencistas e neo-realistas. Assim, se a *Seara Nova* permitiu que dela partissem muitos dos textos, assinados por autores ligados à *Presença*, que refutavam as teses do neo-realismo nascente, o mesmo aconteceu em sentido inverso. Foi assim que Álvaro Cunhal pôde responder a um conjunto de artigos de José Régio. Artigos que, de alguma forma, marcaram — pela importância, sobretudo cultural e política, dos autores envolvidos — o epílogo da polémica entre presencistas e neo-realistas. Confronto que, aliás, há tempo se adivinhava e já tinha sido, em 1937, nas páginas da *Seara Nova*, assim equacionado pelo presencista Adolfo Casais Monteiro: "Nós vivemos numa época que tende a exigir do artista, e, dum modo geral, daqueles a quem é costume designar como intelectuais, mais do que arte; pede-se-lhe resposta a inquietações sociais. Já lá vão dez anos que Julien Benda, num livro que alcançou repercussão mundial, deu excepcional relêvo a êsse problema que desde então continua a estar em lugar de honra entre os mais discutidos desta hora"(").

Temos assim que os termos deste debate, tendo em conta os condicionalismos sociais e políticos, internacionais e nacionais, que o rodearam, acabaram por extremar duas tendências literárias que, muito por via desses condicionalismos, se fixaram em tomo de questões — como foi o caso das que envolviam os conceitos de arte pura *versus* arte social — que acabaram por trazer para a ordem do dia o papel do escritor e do discurso cultural na sociedade. Perspectivas e termos de um debate que esteve longe de ser pacífico (e podia sê-lo, em face do que urgia fazer e mudar?) e que acabou por constituir um dos principais pontos de clivagem entre neo-realistas e presencistas⁽¹⁰⁰⁾. Divisão que, mais uma vez, facilitou a tarefa de um regime opressor das liberdades e da livre criação cultural.

É bom de ver que sob a designação de conceitos como arte pura e arte social escondem-se questões tão importantes como a relação entre o artista e o público, o estilo e a sociedade, a escrita e a leitura, ou, no fundo, a função da cultura e do intelectual na transformação das

(") Adolfo Casais Monteiro, "A Arte e o Povo", *Seara Nova*, n.º 512, 3 Jun. 1937, p. 146.

(¹⁰⁰) Cf. Carlos Reis, *ob. cit.*, p. 32.

sociedades⁽¹⁰¹⁾. E, por isso, não admira que o neo-realista Ramos de Almeida viesse a considerar, em 1941, que — para além das diferenças lógico-formais inerentes a estas polémicas — a problemática arte pura e arte social possuía um outro significado: era reveladora de "uma polémica travada entre duas consciências estéticas que correspondem por sua vez a duas consciências sociais"⁽¹⁰²⁾. E, neste sentido, a oposição entre arte social e arte pura "tem o valor da impossível conciliação entre uma consciência decadente e uma consciência nascente"⁽¹⁰³⁾.

É, portanto, neste quadro em que a literatura intimista e subjectivista da *Presença* era tida como um produto de consciências alienadas que aqui nos interessa a célebre polémica entre Álvaro Cunhal e José Régio, em 1939, na *Seara Nova*.

Aparentemente, o móbil do problema esteve numa série de artigos de Régio, em que este punha em questão, dirigindo-se explicitamente aos defensores das teses neo-realistas, que o crescente interesse pela recente literatura brasileira tivesse a ver com a qualidade puramente literária dessas obras⁽¹⁰⁴⁾. Ora, no entender de José Régio, o romance brasileiro estava a ser utilizado pelos jovens intelectuais como "um pretexto ou um meio"⁽¹⁰⁵⁾. E vincando bem as suas teses, que rejeitavam qualquer submissão da literatura à ideologia, acrescentava: "Sendo o que sou, julgo, pois, distinguir muito bem a literatura da política ou da propaganda, quaisquer que estas sejam. [...] Tanto me interessam, em literatura, os problemas ou dramas da miséria ou da fome como os da consciência, do sentimento, do pensamento, do instinto [...] tudo são gritos ou modos por que e como se exprime a nossa imensa aspiração à felicidade; a felicidade sempre mais ampla"⁽¹⁰⁶⁾.

Esta recusa, por parte de Régio, de ligar a arte e o artista aos fenómenos históricos, quando a "humanidade chegou a uma

(101) Sobre este assunto, cf. Fernando Guimarães, "Arte", *Grande Dicionário de Literatura e de Teoria Literária* (Dir. João José Cochofel) Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1977, sobretudo, pp. 466-468.

(102) A. Ramos de Almeida, *A Arte e a Vida*, Porto, Cadernos Azuis — Livraria Joaquim Maria da Costa, 1941, p. 59.

(103) *Idem, ibidem*.

(104) Cf. José Régio, "Cartas intemporais do nosso tempo", *Seara Nova*, n° 608, 8 Abr. 1939, pp. 151-153; n° 609, 15 Abr. 1939, pp. 167-169 e n° 611, 29 Abr. 1939, pp. 203-205.

(105) *Idem, ibidem*, (n° 608), p. 152.

(106) *Idem, ibidem*.

encruzilhada"; esta recusa em saber o que acontecia "fora do campo da sua vida íntima", ou, ainda, a sua recusa em querer saber "do sofrimento e das esperanças das 'gentes'"⁽¹⁰⁷⁾, era encarada por Álvaro Cunhal como uma atitude ideológica e política, independentemente da vontade de quem assim procedia. E, mostrando a importância que a literatura empenhada tinha no momento histórico presente e de como esta reflectia a ideologia do escritor, acrescentava na resposta a Régio: Precisamente porque se está numa encruzilhada; precisamente porque a sorte de milhares de homens depende do caminho que será seguido [...] Homens que assim sintam, apreciam e julgam as 'obras do espírito' (e em particular as obras de arte) pelo que elas podem influir na direcção futura da humanidade. Da mesma forma, artistas que assim sintam, fazem naturalmente reflectir nas suas produções artísticas as preocupações que os obcecaram. A única diferença entre estes artistas e os artistas solitários é que, enquanto a obcecação destes é o próprio umbigo, a daqueles é a sorte da humanidade. Mas, quer uns quer outros, põem naturalmente a arte ao serviço de qualquer coisa: nuns, esse qualquer coisa é a vida de milhões de seres; noutros esse qualquer coisa é o próprio umbigo"⁽¹⁰⁸⁾.

Esta citação, assumidamente longa, tem para nós a importância de mostrar como aqui se degladiavam duas posições que, por partirem de pontos de vista completamente divergentes, jamais se encontravam: para Cunhal a literatura, embora se não confunda com a política, acaba por exprimir uma posição política e social, logo, todos os que se interessam pela transformação das sociedades não podem ignorar a sua importância, como fenómeno de sociabilização de outras mundividades; para Régio, não devia existir qualquer ligação entre a literatura e a política, rejeitando "a submissão do romance a ideologias de tipo materialista ou a temas de proveniência político-social, privilegiando naturalmente a dimensão humanista da criação literária que se apoia na aspiração do homem ao absoluto"⁽¹⁰⁹⁾.

Curiosamente esta perspectiva — salvaguardem-se as diferenças ideológicas —, em relação ao carácter utilitário e militante da arte e do intelectual aqui defendido por Álvaro Cunhal, podia perfeitamente ter o aplauso de seareiros como Raul Proença, António Sérgio e tantos

(107) Álvaro Cunhal, "Numa encruzilhada dos Homens", *Seara Nova*, n.º 615, 27 Maio 1939, p. 285.

(108) *Idem, ibidem.*

(109) Carlos Reis, *ob. cit.*, p. 26.

outros. Aliás, Cecília Barreira, referindo-se a Sérgio, considerou que para este seareiro "todo o texto literário preenche um espaço politicamente identificável"⁽¹¹⁰⁾. Conceção que aproxima, neste estrito sentido, seareiros e neo-realistas — mais até do que ambos os lados pensavam.

Este facto já foi, de alguma forma, destacado por Carlos Reis quando, referindo-se a um artigo de Justino de Montalvão⁽ⁿⁱ⁾, publicado na *Seara Nova* em 1924, afirmou: "É sintomático que, nos seus primeiros tempos de existência, longe ainda das coordenadas neo-realistas, a revista *Seara Nova* acolhesse já textos que apontavam nesta direcção: em que, numa óptica idealista não muito distanciada de certas teses perfilhadas por Antero de Quental, se defendia o carácter militante da arte com base no exemplo das obras e da temática de autores como Dostoievski, Tolstoi e Gorki"⁽¹¹²⁾.

Nesta mesma linha devem ser entendidas também as palavras de Raul Proença, em 1925, ao afirmar que "a literatura de combate é apanágio de todas as épocas, por mais que tentem negá-lo os espíritos acomodaticios e os idealistas sem virilidade, cúmplices eternos de todos os cabotinos da praça pública"⁽¹¹³⁾. E, ligando a literatura ao papel do intelectual na sociedade, acrescentava: "Se os Herculanos, os Anteros, os Basílios, renunciaram, não procurem a causa no ambiente, mas neles próprios: é que não foram feitos para a luta"⁽¹¹⁴⁾.

Assim, muito embora a *Seara Nova*, sob a batuta filosófica de Sérgio, se encontrasse no lado oposto do materialismo marxista subjacente ao movimento neo-realista, isto não significava que — sobretudo no que dizia respeito ao empenho social do artista e ao carácter militante da arte — as suas posições não se encontrassem.

⁽¹¹⁰⁾ Cecília Barreira, "António Sérgio leitor de Nobre", *Revista de História das Ideias*, n.º 5, 1983, p. 358.

⁽¹¹¹⁾ Este autor, num artigo significativamente intitulado "Nova Estética", recusa a arte pela arte nestes termos: "Nesta época de febre, de ganância e de miséria, a Arte deve ser, mais que nunca, uma verdadeira religião militante. A grande missão dos homens de letras não pode limitar-se ao diletantismo elegante dos amáveis sibaritas estéticos que, na legenda parnasiana da Arte pela Arte, definiram a sua impassibilidade e a sua inutilidade olímpicas" (Justino Montalvão, "Nova Estética", *Seara Nova*, n.º 30, 31 Jan. 1924, p. 119).

⁽¹¹²⁾ Carlos Reis, *ob. cit.*, p. 25.

⁽¹¹³⁾ Raul Proença, "Combates", *Seara Nova*, n.º 44, Abr. 1925, p. 146.

⁽¹¹⁴⁾ *Idem, ibidem*, p. 147.

Sobretudo, nas críticas que ambos faziam ao subjectivismo pretensamente apolítico do movimento da *Presença*. Aliás, muito antes dos neo-realistas, já Sérgio questionava, cândida e pedagogicamente, José Régio sobre algumas das questões que não-de preocupar o movimento neo-realista: "Ah, meu caro Régio: não o quero mais que poeta e crítico (o melhor poeta da sua geração, se me não engano, e um dos melhores do Portugal de sempre [...]) Mantenha-se indiferente, se assim lhe apetece, às questões políticas e sociais; mas lembro-lhe que, se vivesse na Itália ou na Alemanha de hoje, talvez certas poesias que publicou tivessem sido proibidas como 'imorais'; e não estaria livre de lhe exigirem à força (como sabe) que fabricasse para o Estado uma arte 'rácica', nazi. Um problema social se me apresenta portanto de que não posso desprender o meu espírito: Mas essa depende, por sua vez... Não: não puxo a cereja, para que não venham todas. Nada se isola, meu caro Régio, e tudo no mundo se entretece com tudo"⁽¹¹⁵⁾.

Poderíamos aqui repetir outros exemplos de críticas à *Presença*, no mesmo sentido, quer por parte de António Sérgio, quer de outros seareiros. Críticas que legitimam muitas das teses que veem no apostolado protagonizado pela *Seara Nova* a preparação da alternativa cultural que acabou por desembocar no movimento neo-realista⁽¹¹⁶⁾. Não é, por ora, isto que mais nos interessa realçar.

Importa, isso sim, deixar claro que a polémica entre presenciastas e neo-realistas, mostrou à evidência que o lugar central ocupado pela *Seara Nova* — enquanto espaço cultural de esquerda mais combativo e que acabava por polarizar o interesse das camadas intelectuais mais jovens — estava a deslocar-se, muito por culpa do novo humanismo protagonizado pelo movimento neo-realista, para outros centros e outros espaços ideológicos. Agora quem polariza e define as linhas mestras da vida cultural e ideológica na oposição ao Estado Novo já não é a *Seara Nova*. Mas sim as publicações ligadas ao neo-realismo, como são os casos de *O Diabo* e *Sol Nascente*. São agora estas publicações, e posteriormente a revista *Vértice* (1942), que conduzem as polémicas e são elas que elegendem o movimento da *Presença* como o refúgio das "consciências decadentes". É daqui que agora se anunciam os novos tempos e o "tempo novo".

⁽¹¹⁵⁾ António Sérgio, "Nótulas Soltas", art. cit, pp. 331-332.

⁽¹¹⁶⁾ Sobre este assunto, cf. Carlos Reis, *ob. cit.*, p. 85.

O ambiente de crispação política que acabou por marcar a segunda metade da década de trinta — sobretudo, por via da Guerra Civil de Espanha, a qual não deixava ninguém indiferente —, abriu espaço a uma cada vez mais profunda bipolarização das ideologias. E, com isto, a concepção revolucionária da história trazida pelo marxismo — que serviu, como já referimos, de base ao movimento sócio-literário neo-realista, embora em leituras nem sempre coincidentes — ganhava cada vez mais influência e adeptos entre os que se opunham ao Estado Novo. E, assim, é precisamente da geração intelectual ligada ao neo-realismo, totalmente empenhada em hegemonizar este combate, que partem as tentativas mais sérias de superar toda uma tradição cultural oitocentista, da qual a *Seara Nova* se dizia lúdica representante.

A *Seara Nova* continuará, mesmo depois da saída de António Sérgio, a ser uma das mais importantes revistas portuguesas deste século. Porém, o papel polarizador, em relação à juventude intelectual de esquerda, que manteve até aos meados da década de trinta, vai ter de o partilhar com outros espaços e outras ideologias.

Conclusão

Podemos concluir dizendo: se a ideologia que veste o neo-realismo abriu caminho a uma outra relação do intelectual com o povo, menos elitista e diverso do discurso idealista seareiro — o qual sempre defendeu, em termos políticos e sociais, a eficácia e a auto-suficiência das ideias, sem cuidar do efeito da *praxis* —, tal não impediu que da *Seara Nova* retirassem, afinal, aquilo a que ela sempre mais aspirou, ainda que por outros caminhos: uma atitude de total empenhamento dos intelectuais no sentido de se encontrarem as soluções para a regeneração do nosso país.

Por outro lado, aparentemente os defensores ideológicos e culturais do Estado Novo — apesar do zelo sempre demonstrado no disciplinar da circulação discursiva — não se envolveram directamente nestas polémicas sócio-literárias. Porém, estavam longe de não perceber que, por falta de liberdade política, muita da oposição organizada se tinha acantonado na edição e produção escrita, principalmente na de feição literária. Razão pela qual — sobretudo depois de perceberem o alcance e a aceitação da ficção neo-realista junto de camadas mais vastas da população —, o Estado Novo, em 1943, procura controlar com maior eficiência, através de legislação específica directamente dirigida a

editoras e revistas culturais⁽¹¹⁷⁾, os seus discursos. Tentando, desta forma, impedir os "bacilos" que ousavam "efabular todos os ramos do conhecimento humanos segundo os métodos do materialismo dialéctico, e os ensaístas do muito humano, sobretudo os romancistas do social"⁽¹¹⁸⁾. A hegemonia que o movimento neo-realista veio a conhecer, no seio da oposição, demonstra que, apesar da repressão e da censura, não foi fácil ao Estado Novo combatê-lo.

Contudo, a tendência hegemónica que o movimento neo-realista começava a ter na oposição ao Estado Novo — pela inserção, no texto e na ficção, do político de forma directa, pelo modo eficaz da sua comunicação textual, pelo privilegiar intencional do conteúdo social, etc. — não contribuiu para apagar as divisões ideológicas que então se verificavam, e que hão-de persistir nas décadas seguintes, no seio dos que se opunham ao Estado Novo. Apesar disso, Eduardo Lourenço considerou — e muito por causa do movimento sócio-literário neo-realista — que "Os fins dos anos 30, começos dos anos 40, veriam em Portugal uma *mutação* [...] como até então ideologia alguma o conseguira [...]"⁽¹¹⁹⁾. Agora, "Pela primeira vez o sentimento patriótico característico da política moderna sob o signo português era desmascarado, na teoria e na prática, e subordinado a uma concepção revolucionária da História que transfere para a luta de classes o segredo do seu dinamismo, fiando da sua abolição o ajustamento efectivo do indivíduo ao povo a que pertence [...]"⁽¹²⁰⁾.

Assim, talvez nenhum outro período da nossa história da resistência ao Estado Novo — até pelo facto de outras formas de comunicação, como a rádio e a televisão, ganharem muito do espaço destinado, anteriormente, ao registo escrito — tenha utilizado, de um modo tão significativo e consciente, a cultura e o texto literário como forma de fazer oposição. Foram, sem dúvida, as contingências de falta de liberdade e de organização partidária que a isso obrigaram, mas tal facto também não deixa de estar ligado e de corresponder ao perfil intelectual e profissional dos quadros dirigentes da oposição.

⁽¹¹⁷⁾ Cf. decreto-lei 33 015, de 30/VHI/1943.

⁽¹¹⁸⁾ Silva Dias, Assembleia Nacional, Diário das sessões, sessão de 8/1/1948, p. 90, cit. por Jorge Ramos do Ó, "Salazarismo e Cultura", *Portugal e o Estado Novo...*, já cit., p. 449.

⁽¹¹⁹⁾ Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade...*, já cit., p. 32.

⁽¹²⁰⁾ *Idem, ibidem*.